



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **ARQUEOLOGIA AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A DISCUSSÃO DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NOS ACERVOS BRASILEIROS.**

Mara Rodrigues Chaves

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/ USP

[marachaves@usp.br](mailto:marachaves@usp.br)

Pretendemos com este texto trazer algumas definições que permitam discutir questões referentes à preservação da memória e do patrimônio no âmbito da arqueologia e da museologia, e como os objetos, mais especificamente os africanos, foram coletados, tirados de seu contexto e re-classificados em instituições museológicas, refletindo sobre como este patrimônio é apresentado para um público maior e de que maneira os diálogos aí compreendidos estão sendo estabelecidos.

No período de 24 a 27 de maio de 2011 ocorreu o “I Encontro Afro Atlântico na Perspectivas dos Museus”, organizado pelo Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo e tinha por objetivo principal “...aprofundar o diálogo a respeito das formas como instituições museológicas representam o continente africano por meio de suas elaborações conceituais - curatoriais”.

A questão é: Como esses objetos foram levados aos museus, classificados, catalogados, identificados? Em que contexto isso ocorreu?

O interesse pela cultura material africana data desde o século XVII, período em que ocorreram as expedições européias ao continente africano e os principais motivos destas viagens eram fornecer objetos para os acervos dos gabinetes de curiosidades, ecléticos e com coleções diversificadas. (CORBEY: 2000).

Franz Boas (1858-1942) em 1896 criticou as teorias evolucionistas e difusionistas incluindo a essa crítica os modelos museológicos concebidos a partir destas teorias. Para ele, os antropólogos pensavam os objetos materiais dentro de um esquema de evolução e difusão, esquecendo de indagarem as funções e significados no contexto específico de cada sociedade ou cultura onde foram produzidos e usados. Os objetos eram retirados de contextos diversos e re-classificados conforme os interesses de seus coletores, temos como exemplo uma máscara ritual africana que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

hipoteticamente podia ser colocada ao lado de uma máscara ritual da Melanésia e depois de identificada e descrita a composição material e forma estética de ambas as peças, eram classificadas conforme a sua complexidade e tecnologia. Eram estabelecidos estágios hierarquicamente diferenciados de evolução entre as sociedades das quais os objetos vieram. (GONÇALVES: 2007).

Ainda no século XVIII, em um contexto cristão, os objetos coletados de locais estrangeiros (incluindo os africanos) eram considerados pagãos e diabólicos, ou mesmo souvenir exótico sendo muitos destes itens coletados por sua beleza ou por serem considerados feios e bizarros. As expedições se intensificaram no século XVIII e no curso do século XIX. O interesse nos achados das escavações era artístico e comercial não havendo nenhuma preocupação com o contexto em que os objetos eram encontrados. (CORBEY: 2000).

Lembramos que a interpretação que é feita sobre a cultura material é ideológica e devemos perceber de que prisma os objetos estão sendo vistos.

Franz Boas criticou diversas vezes a noção de culturas superiores e inferiores de um povo, de uma cultura em relação à outra. Existem culturas diferentes que, por sua vez, determinam formas diferentes de comportamento. Porém, o olhar etnocêntrico, do colonizador, julga a outra cultura a partir dos seus próprios valores e desta forma a cultura do observador-avaliador é sempre a melhor, a mais correta e a mais perfeita. (BERNARDO: 2007)

O pensamento da época pode ser exemplificado com a afirmação do alemão Adolf Bastian (1826 -1905) que coletou grande parte da coleção de peças da África central pertencente ao acervo do Museu Etnológico de Berlin, de que era importante comprar o máximo de objetos possíveis para salvar da destruição os produtos da civilização dos *selvagens* e guardar nos museus europeus. Esse modo de pensar justifica até os nossos dias a pilhagem organizada e sistemática das administrações européias a partir da partilha da África apoiadas na etnologia da época e no cristianismo. A classificação dessas obras não era empírica, a definição teórica era definida antes mesmo dos objetos chegarem aos museus. Isso indica que o sistema de classificação era definido previamente, baseado em noções européias. (SALUM: 2008).

Um grande número de museus surgiu a partir dos gabinetes de curiosidades (de caráter enciclopédico) e outros surgiram como resultado de exposições coloniais e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mundiais, temos como exemplo o Koninklijk Museum voor Midden-Afrika em Tervuren que surgiu em decorrência da exposição internacional em Bruxelas, em 1897. (CORBEY: 2000).

No que se refere à arqueologia, os primeiros arqueólogos profissionais que trabalharam na África eram europeus e foram treinados nas universidades de seus países, tendendo a construir as suas carreiras nas suas colônias. A visão muitas vezes foi comprometida pelo fato destes profissionais servirem ao colonizador e a arqueologia tornou-se um dos meios de tornar legítima a colonização. (ROBERTSHAW: 1990).

Atualmente, os arqueólogos que trabalham com arqueologia na África, inclusive os africanos, buscam sanar esses equívocos e assim a história está sendo revista.

A descolonização da África subsaariana acelerou mudanças no conhecimento arqueológico dessa região, iniciada na última etapa do período colonial.

Posnansky (*apud* Trigger 2004: 178-179) observou que arqueólogos e historiadores africanos não estão necessariamente interessados nas mesmas questões que seus colegas estrangeiros, alguns se preocupando mais com a pré-história recente e com problemas de história nacional e outros com a arqueologia paleolítica. (TRIGGER: 2004)

Nessa direção, Nzewunwa, também citado por Trigger (*idem*), enfatiza que o interesse no estudo e preservação dos principais sítios relacionados com a história pré-colonial africana e a arqueologia é vista como um meio de incrementar a consciência do passado africano e o orgulho por sua grandeza, havendo, também, preocupação política com a apresentação dos achados arqueológicos, que tanto podem fortalecer a unidade política como promover sentimentos regionalistas e de auto-identificação local. (*ibidem*: 2004)

A importância disso pode ser dimensionada pelo fato de no século passado, ainda no período colonial, terem sido descobertas nos arredores da cidade de Ifé, atual Nigéria, cabeças de bronze muito antigas, usadas pela população local como objeto de culto e em uma outra localidade nigeriana, ter sido encontrada uma cabeça de terracota, que estava sendo utilizada como espantalho em uma plantação perto das minas de estanho em Jemma, localizada perto de Jos, ao nordeste da atual Nigéria. Essa cabeça foi uma das mais importantes descobertas nos estudos da arte africana. (EYO; WILLETT: 1980).

Conforme descrição de Willett, as esculturas Nok variam de tamanho e peso, a cabeça é normalmente em forma cilíndrica, esférica ou oval, com elaborados penteados e as orelhas são colocadas em várias posições. Os lábios, orelhas, narinas, e as pupilas dos olhos são geralmente perfurados. O olho é representado como um segmento de uma esfera, com a pálpebra superior horizontal e a inferior formando um círculo que ocasionalmente aproxima-se de um triângulo. Os gestos largos da curva da pálpebra inferior são contrabalançados muitas vezes, de forma muito precisa, na curva da sobrancelha. A forma dos olhos é muito similar às máscaras modernas yoruba *Geledes*. Nestas máscaras a perfuração nos olhos é uma característica estilística mas não tem nenhuma função pois elas são usadas sob a cabeça e o usuário olha entre as roupas que vão abaixo da máscara.. (WILLETT:1971).



Cabeça NOK. Treasures of Ancient Nigeria. 1980.



Máscara Guelede. Museu Nacional de Belas Artes.

Marianno Carneiro da Cunha (1983), baseado na cronologia discutida por Willett da chamada Civilização de Nok à cultura yorubá dos tempos atuais, no território da atual Nigéria e também em sua análise estilística, descrita acima, expande estes estudos ao Brasil, terminando nas máscaras que ele nomeou de “sociedade Gueledé”,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

em uso na Bahia até a década de 1930, (cf. Ribeiro Jr., 2008, dissertação de mestrado realizada junto ao PPGArq).

Isso demonstra como o passado tem significados diferente para povos diferentes, e que atualmente é freqüente a identidade pessoal ser definida pelo passado.

O papel da arqueologia é cada vez mais importante na definição de identidade nacional e cada vez mais o passado é utilizado para legitimar o presente reforçando o sentido de grandeza nacional, devendo os arqueólogos divulgar o conhecimento, registrar as escavações e publicar os seus estudos, porém, poucos fazem isto, preferindo escavar outros sítios arqueológicos ao invés de analisar os achados. (RENFREW: 2008).

A proposta de estudar os acervos existentes nas instituições museológicas brasileiras, segue na esteira desse pensamento pois acreditamos ser necessário que cada vez mais estudiosos se debrucem sobre as coleções africanas e afro-brasileira.

É importante salientar que o fato de não terem escrito sua história anteriormente, não quer dizer que os africanos, bem como os povos autóctones das Américas e da Oceania, não tinham história, muito menos que não tinham escrita. Objetos de arte considerados apenas decorativos estão plenos de mensagens codificadas por signos e símbolos que podem ser "traduzidos", ou interpretados verbalmente, como é o caso de muitos objetos proverbiais. (SALUM: 1993).

O colonialismo provocou uma grande perturbação no campo cultural com a ruptura progressiva da transmissão dos conhecimentos tradicionais feita oralmente de geração em geração por meio das iniciações africanas regulares, das iniciações de ofício e das escolas islâmicas. Os europeus procuraram por todos os meios desencorajar as atividades das escolas artesanais tradicionais, das reuniões em torno do mestre, locais onde ferreiros, tecelões, sapateiros, trabalhadores de madeira, narradores, se encontravam, espaços onde a transmissão da tradição oral acontecia. Assim foi sufocada qualquer aspiração criativa dos artesãos africanos. (HAMPÂTÉ BÂ: 2004).

A grande quebra da tradição oral, fundamental para o povo africano, foi por ocasião da I Guerra mundial, mais especificamente em 1917, quando os jovens africanos voluntários ou recrutados foram combater na França. Muitos não retornaram ou quando voltaram não eram mais os mesmos homens, privando os velhos mestres da maioria dos aprendizes que teriam a possibilidade de continuar seu trabalho e assegurar a transmissão e salvaguarda do patrimônio cultural. Ao logo de décadas ocorreu o que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Hampâté Bâ chamou de “traumatismo cultural” uma despersonalização realizada ao longo de décadas a ponto dos africanos duvidarem de seus próprios valores. (ibidem: 2004).

O continente africano é imenso e não podemos falar em Arte Africana, termo ocidental utilizado para as artes visuais dos povos do sul do Saara especialmente da África Ocidental e Central, excluindo o Norte da África, o correto é falar de arte da África. Portanto, não existe arte africana e sim arte da África, com suas diferenças e peculiaridades. (VANSINA: 1984).

Mas, afinal, como a África se vê nessa discussão sobre a sua cultura material?

A essa pergunta, Samuel Sidibé, diretor do Museu Nacional de Mali, nos responde que o conceito de arte africana não tem inteligibilidade para os africanos e que os museus africanos foram excluídos deste debate cultural, pois, por questões financeiras não conseguem formar uma coleção significativa de sua própria cultura material. Para ele não existe na África esse debate sobre o objeto e seu contexto. (debate do “I Encontro Afro Atlântico na Perspectivas dos Museus”, 2011)

Em se tratando das instituições museológicas brasileira que possuem em seu acervo cultura material africana, as explorações arqueológicas têm possibilitado dissolver lacunas e contradições que pesam sobre a documentação dos seus acervos, questões referentes ao poder e ideologia implicados na construção e na reconstrução de um passado como o das culturas africanas, problema relacionado não apenas ao público de museu, mas também ao universo afro-brasileiro.

As Ciências Sociais dedicam-se a compreender o papel do negro na sociedade brasileira, onde ainda é discriminado enquanto indivíduo ao mesmo tempo em que suas práticas culturais são absorvidas de modo quase apaixonado. A memória do desenvolvimento da cultura brasileira (inclusive afro-brasileira), matriz e produto ao mesmo tempo do processo de desenvolvimento histórico nacional em seu aspecto religioso ou profano, não têm encontrado lugar nos museus e instituições oficiais que visam preservar a memória dos grupos, de suas artes e técnicas, essa cultura, vista até bem pouco tempo como “cultura dominada”, raras vezes se vê representada em seus valores próprios. (AMARAL: 2001).

Para Emanuel Araújo, diretor-curador do Museu Afro Brasil, embora o Brasil seja um país racista, por ser um país católico há a possibilidade de um sincronismo entre



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

África e Brasil. Para ele, o Museu Afro Brasil não é um museu de arte africana, mas também de arte brasileira, de memória e de história. (debate do “I Encontro Afro Atlântico na Perspectivas dos Museus”, 2011).

A proposta deste museu, segundo o curador, é mostrar o quanto essa ferida continua aberta e sem solução, que os espaço não pertence apenas aos excluídos da sociedade brasileira, mas representa um local de novas idéias, um espelho para elevar a auto-estima, para recontar uma história mal contada.

Outro aspecto que deve ser considerado é com relação ao papel do setor educativo nos museus, qual é a abordagem utilizada e para qual público?

O educativo do Museu Afro Brasil parte da premissa da instituição em “contar uma *outra* história brasileira”, e para esse intento elaborou um “Roteiro de visita”, propondo uma das possíveis leituras sobre o acervo, respeitando os núcleos que compõem a exposição. (CHAVES: 2006).

O setor educativo :

(...) tem a complexa tarefa de desconstruir um imaginário da população negra, construído fundamentalmente pela ótica da inferioridade ao longo da nossa história e transformá-lo em um imaginário fundado no prestígio, na igualdade e no pertencimento, reafirmando assim o respeito por uma população matriz da nossa brasilidade.

Para entender os conceitos de museu, coleções, patrimônio e memória, selecionamos algumas definições atuais. São elas:

## MUSEU

O perfil dos museus mudou muito no decorrer do tempo e nesse processo, o seu conceito foi redefinido.

Atualmente entende-se que o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga, e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente. (ICOM – Código de ética para museus).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

São instituições que possuem um sistema de relações sociais e conjunto de idéias e valores que fazem parte do cotidiano das sociedades modernas, locais que possibilitam o debate e as reflexões sobre os temas expostos. (GONÇALVES: 2007).

É pressuposto epistemológico das coleções e dos museus o ato de olhar para os objetos expostos, implicando no conhecimento de algo que vai além do próprio artefato, algo que eles mesmos evocam. Entretanto, não é bem assim, tudo depende do contexto cultural e social em que eles foram adquiridos, sua transferência para coleções privadas e museus, a sua re-classificação e sua exposição (como é organizada). (ibidem: 2007).

No museu, objetos de nosso cotidiano (por estar fora deste contexto atrai a atenção do observador) ou estranhos à vida corrente (capazes por isso, de incorporar experiências alheias à do observador) assumem valores cognitivos, estéticos, afetivos, simbólicos. E a função documental do museu (por acervo e seu banco de dados) é que garante não só a democratização da experiência e do conhecimento humano e da fruição diferencial de bens, como também passe a ser inteligível. (MENESES: 2005).

Apesar de se considerar que o objeto descontextualizado é desfigurado, de se reconhecer a importância do contexto e a necessidade de sua re-introdução na exposição, pouco se discute o conceito de contexto e com isso surgiram soluções que consideram apenas a aparência visual, o recorte empírico, que também necessita ser explicado. A exposição pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais. (MENESES: 2005).

No Brasil, houve uma re-estruturação a qual a lei abaixo conceitua Museu.

Em janeiro de 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906 de 14 de Janeiro de 2009, sancionada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, foi criado o IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

A nova autarquia vinculada ao Ministério da Cultura sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais.

O órgão é responsável pela Política Nacional de Museus e pela melhoria dos serviços do setor, aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros. (site: <http://www.museus.gov.br>).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (CAPÍTULO I - Art. 1º). Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e a participação das comunidades.

A lei na íntegra foi publicada no DOU de 15/01/2009.

### COLEÇÕES

O colecionismo é o processo de retirar os objetos materiais do cotidiano para o espaço museológico. Toda e qualquer coleção pressupõe situações sociais, relações sociais de produção, circulação e consumo de objetos, assim como diversos sistemas de idéias e valores e sistemas de classificação que as norteiam. Algumas sociedades colecionam diversos objetos com a intenção de redistribuí-los ou mesmo destruí-los; no ocidente moderno, o colecionamento está relacionado à acumulação. (GONÇALVES: 2007).

Entende-se por coleções quaisquer conjuntos de objetos naturais ou artificiais mantidos temporariamente ou definitivamente fora dos circuitos das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial em um lugar fechado preparado para esse fim e expostos ao olhar do público. Em geral o número de objetos que formam uma coleção é indeterminado, dependendo do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular excedentes, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objetos, etc. O importante é a função e é esta que se exprime nos caracteres observáveis que definem a coleção, deste ponto de vista, as coleções também estão presentes nas sociedades ditas primitivas. (POMIAN: 1984).

Os artefatos (parcela relevante da cultura material) fornecem informações tanto quanto a sua materialidade (matéria prima e seu processamento, tecnologia, morfologia e funções, etc) quanto à informação relacional, ou seja, a sua carga de significação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

refere-se sempre as formas de organização da sociedade que os produziu e consumiu, em outras palavras, eles são vetores das relações sociais. (MENESES: 1983).

## PATRIMÔNIO

Conforme o ICOM, International Council of Museums, o Patrimônio Cultural é qualquer bem ou conceito considerado de importância estética, histórica, científica ou espiritual e o Patrimônio Natural é qualquer bem natural, fenômeno ou conceito considerado de importância científica ou valor espiritual para uma comunidade.

O ICOM foi Criado em 1946, é uma organização não governamental que mantém relações formais com a UNESCO, executando parte de seu programa para museus, e sendo consultora no Conselho Econômico e Social da ONU. Definição retirada do código de ética para museus.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) se propõe promover a identificação, a proteção e a preservação do patrimônio cultural e natural de todo o mundo, considerado especialmente valioso para a humanidade.

O Patrimônio foi dividido em três categorias: Patrimônio cultural composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham valores histórico, estéticos, arqueológicos, científicos, etnológicos ou antropológicos; Patrimônio cultural subaquático que compreende os sítios arqueológicos submersos; Patrimônio natural que são as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico, de conservação ou estético. (Convenção UNESCO em 1972.).

Os objetos classificados como “patrimônios culturais” não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam (na medida em que os objetos são categorias materializadas) a percepção que temos de nós mesmos individual e coletivamente. Na medida em que assim são classificados e coletivamente reconhecidos, esses objetos desempenham uma função social e simbólica de mediação entre o passado, o presente e o futuro do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e a sua integridade no espaço. (GONÇALVES: 2007).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## MEMÓRIA

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva. A memória coletiva não é apenas uma conquista mas um instrumento e um objetivo de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, essa manifestação da memória. (LE GOFF: 1984).

É importante preservar a cultura material de uma sociedade respeitando o seu contexto, a sua memória, seja ela oral ou escrita. Para os africanos a tradição oral é fundamental para a continuidade de sua história, entendido perfeitamente quando Hampâté Bâ afirma que “Na África quando um ancião morre, é como se uma biblioteca se incendiasse.”

Esperamos por fim que esse texto possa contribuir com algumas questões que sejam pertinentes para o debate do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais a ser realizado em Salvador.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rita. *A coleção etnográfica de cultura religiosa afro-brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo, v. 10, 2001.

CHAVES, Mara Rodrigues. **Peças Ritualísticas de Cultos Afro-Brasileiros – Dispersão e Reunião**: Proposta de Musealização. Monografia (Especialização em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORBET, Raymond. **Tribal Art Traffic** - A Chronicle of Taste, Trade and Desire in Colonial and Post-Colonial Times. Amsterdam: Royal Tropical Institute. 2000

EYO, Ekpo; WILLET, Frank. **Treasures of Ancient Nigeria**. New York: Knopf, 1980.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007.

HAMPÂTE BÂ, A. Confrontações Culturais. **Revista Thot**, São Paulo, n. 80, p.3-12, 2004.

LE GOFF, J. Verbete Memória. In: **Enciclopédia Einauld**. Portugal: Imprensa Nacional. 1984. p. 11-50. vol 1.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de Historia 115 pg 103-117. São Paulo: 1983.

\_\_\_\_\_. **A exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: FIGUEIREDO, B.G; VIDAL, D.G. (coords.). *Museus: Dos gabinetes de curiosidades ao Museu Moderno*. Argvmentvm: Belo Horizonte, 2005.

POMIAN, Krzysztof. Verbete Coleção. In: **Enciclopédia Einauld**. Portugal: Imprensa Nacional. 1984. p. 51-86. vol 1.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology**: Theories, Methods and Practice. London: 2008.

RIBEIRO JR., Ademir. **Parafernália das mães-ancestrais**: as máscaras *guledé*, os *edan ogboni* e a construção do imaginário sobre as "sociedades secretas" africanas no Recôncavo Baiano. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROBERTSHAW, Peter. *A history of African archaeology*. London: James Currey. 1990.

SALUM, Marta Heloisa Leuba. **O homem e sua obra, e, os objetos e os homens**: da relação homem-matéria. In: *Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Suplemento 7, 2008.

SALUM, Marta Heloisa Leuba; CERAVOLO, Suely. Considerações sobre o perfil da coleção africana e afro-brasileira no MAE – USP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, de São Paulo, n.3, p.167-185, 1993.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odisseus. 2004.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VANSINA, Jan. **Art history in Africa**. New York: Longman, 1984.

WILLETT, Frank. **African Art**: an introduction. New York: Praeger Publishers, 1971.

#### Sites

DOU de 15/01/2009 site: <http://www.museus.gov.br> Acesso em 01.03.2011

<http://www.unesco.org> Acesso em 01.03.2011

[www.mnba.gov.br/](http://www.mnba.gov.br/) Acesso em 24.05.2011

#### Revista eletrônica

BERNARDO, T. **Relativismo e racismo**. São Paulo: ponto-e-vírgula 1. 2007. Acesso em 24.05.2011